

“O SOM DO APITO ERA O GRITO QUE NÃO PODÍAMOS DAR”: MATERIALIDADES, OPRESSÕES E RESISTÊNCIAS DE MULHERES OPERÁRIAS NA FÁBRICA RHEINGANTZ

VANESSA AVILA COSTA¹; PEDRO LUÍS MACHADO SANCHES²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacostav@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pedrolmsanches@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir alguns dos resultados da pesquisa arqueológica sobre o cotidiano do trabalho feminino na Fábrica Rheingantz que vem sendo realizada com as ex-operárias da indústria, no âmbito da tese em desenvolvimento da autora no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel. Esta pesquisa também insere-se na esfera do projeto de extensão “Objetos e Memórias da Fábrica Rheingantz”, vinculado ao Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Fundada em 1873 na cidade do Rio Grande, a Fábrica Rheingantz é a indústria têxtil mais antiga do Rio Grande do Sul. Nela o trabalho feminino era predominante. As mulheres trabalhavam na produção, em setores como fiação cardada e penteada, preparação e tecelagem de tecidos, cobertores e tapetes, e confeccionavam roupas na costuraria da Fábrica, como ponchos, jaquetas e casacos.

Com o objetivo de reconstruir este universo fabril marcado por opressões de gênero, classe, raça, etnia e idade, estão sendo analisados os artigos têxteis produzidos, o maquinário e os espaços de produção, a partir das memórias de mulheres que trabalharam na indústria entre os anos de 1945 e 1997, e de seus familiares. Desse modo, partindo de uma perspectiva feminista (WYLIE, 2002), é possível investigar as formas particulares às quais estas materialidades fabris, que estão entrelaçadas às trajetórias de vida e memórias das mulheres operárias, foram responsáveis por tecer corpos femininos (in)disciplinados, imprimindo violências e manifestando resistências. Assim, através deste estudo, busca-se compreender como as materialidades fabris agiam na manutenção da ideologia dominante e legitimavam as opressões sofridas pelas operárias, de que modo essas opressões marcaram seus corpos e memórias e quais foram as táticas de subversão contra a ordem imposta por elas protagonizadas.

A pesquisa, nesse sentido, transita pela vertente da Arqueologia Industrial (SYMONDS, 2005; THIESEN, 2005). Segundo o arqueólogo James Symonds (2005), o papel dessa arqueologia é construir “histórias que destacam a experiência social individual e coletiva de mundos industriais” (p. 53). Também é importante ressaltar a importância da oralidade em estudos de Arqueologia Industrial, pois, como afirma a arqueóloga Eleanor Casella (2005, p. 18), ela oferece “uma experiência narrativa do passado recente”, trazendo “o registro material de volta à vida”. Possibilita, desse modo, a compreensão da materialidade fabril pela perspectiva de ex-operárias(os) e descendentes, postura que é seguida nesta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Segundo a arqueóloga Beatriz Thiesen, a fábrica deve ser entendida, ela também, como artefato, da mesma forma como se considera o maquinário e os

objetos produzidos em seu interior (THIESEN, 2005, p. 20). Para estudar este conjunto de artefatos, foi realizado um levantamento dos espaços de produção fabril existentes e daqueles que não foram preservados, dos artigos têxteis pertencentes às ex-operárias e seus familiares e do maquinário. Este levantamento foi construído a partir das memórias das ex-operárias da Rheingantz, sendo previamente analisados considerando os saberes e experiências dessas mulheres.

A análise também está sendo “realizada a partir da iconografia existente, que inclui desenhos, fotos e plantas” da indústria, das narrativas de mulheres ex-operárias e seus familiares, e de documentos, que são “utilizados para ‘reconstruir’ a materialidade da fábrica”, seguindo a metodologia empregada por Beatriz Thiesen (2005, p. 22), que destaca a importância, especialmente, das fontes orais na interpretação arqueológica. Conforme Eleanor Casella (2005), quando combinadas com fontes materiais e documentais, as histórias orais “oferecem uma nova compreensão da natureza da vida cotidiana do trabalho” (p. 18). Para a autora, ao abordar todas estas fontes “como manifestações ativas da vida cotidiana” (p. 28), a pesquisa contribui para uma compreensão interdisciplinar mais ampla de como as(os) operárias(os) trabalhavam e viviam.

Além disso, a pesquisa parte de abordagens da Arqueologia Colaborativa e Decolonial (ATALAY, 2006) para a construção de diversas ações juntamente com as ex-trabalhadoras da indústria e seus familiares, como Rodas de Memórias, gravação de documentário, visitas na fábrica e exposição itinerante. Essas ações colaborativas possibilitaram a realização de uma classificação dos artigos têxteis através de categorias êmicas, postas pelas próprias ex-funcionárias, e o mapeamento da fábrica a partir de suas memórias. Ademais, permitem trazer à tona as narrativas relacionadas às práticas de (in)disciplinamento dos corpos das mulheres na indústria, agenciadas pela materialidade fabril.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nós nunca tivemos voz ativa, o que importava era somente nossa mão de obra. O som do apito era o grito que não podíamos dar. Quanto o som do apito gritava era como nós gritando pelos nossos direitos negligenciados (E. F., 2024).

Inicia-se esta discussão com o relato da ex-operária E.F. que evoca as opressões e silenciamentos que as mulheres sofriam no contexto fabril. O apito que ditava o dia a dia de trabalho simboliza o controle do tempo e das rotinas das trabalhadoras. De acordo com as historiadoras Maria Letícia Ferreira e Olivia Nery (2023), “o apito das fábricas é o elemento de uma sonoridade urbana que caracterizou o apogeu industrial da cidade” (p. 13), componente importante da paisagem sonora industrial rio-grandina. Assim, entende-se que esta paisagem sonora industrial também atuou no controle e disciplina das mulheres operárias, silenciando seus “gritos” durante anos de opressões, exploração, graves acidentes de trabalho e direitos trabalhistas negligenciados.

No interior da indústria, a arquitetura dos espaços de produção fabril e o maquinário também eram responsáveis por disciplinar os corpos femininos no chão da fábrica, como é evidenciado na narrativa da ex-funcionária M.O., que trabalhou no setor da tecelagem na década de 1970:

O trabalho na tecelagem era bem controlado pelos encarregados e chefes. Havia uma espécie de escritório que ficava mais alto que o setor era todo

envidraçado e dali era possível ver toda repartição. Tínhamos 15 minutos de pausa para o café todos desligaram as máquinas e ligavam após no mesmo tempo. Uma vez eu tive problemas gastrointestinal e cólicas e toda hora precisava ir ao banheiro. Acredito eu na minha lembrança que fiquei um tempo relativo, pois tinha dores e após evacuava. E assim fez que eu fosse mais vezes ao banheiro. Quando retornei da última vez, tinha uma advertência no tear escrito pelo chefe geral "favor fazer necessidades mais rápidas". E depois eu pedi licença sai para atendimento médico porque não me sentia bem para continuar a jornada. Na época a empresa disponibilizava médico para atendimento dos funcionários. Mas tudo era controlado.

É importante destacar que o setor da tecelagem descrito pela ex-funcionária não se encontra preservado. Entretanto, através de suas narrativas, foi possível “reconstruir” a espacialidade fabril. Uma memória muito recorrente entre as mulheres que trabalhavam na Rheingantz está relacionada à arquitetura industrial. Elas relatam uma estrutura, denominada pela maioria como “gaiola”, que, neste trabalho, foi descrita e desenhada por M. O. a partir de suas lembranças. Ressalta-se que a ex-funcionária também desenhou a planta da indústria que inclui outros setores e “gaiolas” que não foram preservadas.

Esta “gaiola” trata-se de uma estrutura de dois andares, toda envidraçada, posicionada no centro do prédio da tecelagem, que possibilitava aos chefes e encarregados uma visão ampla do setor e, conseqüentemente, vigiar e controlar o trabalho das operárias. O filósofo francês Michel Foucault assim descreve essa figura arquitetural implantada pelos industriais nas fábricas, denominada Panóptico de Bentham:

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. (...) A visibilidade é uma armadilha. O que permite em primeiro lugar — como efeito negativo — evitar aquelas massas compactas, fervilhantes, pululantes, que eram encontradas nos locais de encarceramento (FOUCAULT, 1999, p. 224).

Entretanto, é nas práticas de controle e disciplina dos corpos femininos impressas pela arquitetura fabril que a resistência emerge. M.O. assim continua seu relato, que demonstra a sua insubordinação contra a ordem imposta pelos chefes do setor:

Eu falei pra ele já tava furiosa louca de cólicas com diarreia daquelas e eles encomodando. Eu chamei eles pois eu precisava da licença para sair e falei que tava com diarreia e que não tinha condições de cronometrar a m***. Me liberaram para ir ao médico.

Neste sentido, entende-se que a arquitetura fabril, além de atuar no controle e vigilância das operárias, também agia na objetificação de seus corpos, reduzidos

à máquinas de produção, e na manutenção das desigualdades de gênero no chão da fábrica, sendo um instrumento de dominação patriarcal. Ao mesmo tempo em que havia a tentativa de domesticação e repressão do corpo feminino, buscando desumanizá-lo à medida que desconsiderava suas particularidades e necessidades básicas, a resistência das operárias se manifestava ao subverter a disciplina imposta, neste caso, quando M.O. recusou-se a cronometrar suas necessidades biológicas.

4. CONCLUSÕES

As resistências das trabalhadoras também manifestam-se sendo os gritos, outrora silenciados pelo apito, que muitas operárias não puderam dar. Agora, através deste trabalho, suas vozes ecoam por todos os cantos da cidade com a realização da exposição itinerante “Lãs que tecem memórias: cotidianos de mulheres operárias na Fábrica Rheingantz”, construída juntamente com as antigas trabalhadoras, que já percorreu diversos bairros do município e também esteve em Pelotas, no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense, e de outras ações realizadas juntamente com ex-operárias na antiga indústria, como a Roda de Memórias da Fábrica Rheingantz e a gravação do documentário “Vivências cotidianas de operárias na Fábrica Rheingantz”. Nestas ações elas utilizam-se de seu espaço privilegiado de escuta para relatar as opressões e acidentes de trabalho sofridos, que deixaram marcas em seus corpos e memórias, sendo protagonistas ao narrarem a sua própria história e ao reivindicarem a valorização e reconhecimento de suas vozes, memórias, saberes e experiências através do patrimônio industrial material.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATALAY, S. Indigenous archaeology as decolonizing practice. **American Indian Quarterly**, p. 280-310, 2006.

CASELLA, E. “Social Workers”: New Directions in Industrial Archaeology. In: CASELLA, E., SYMONDS, J. (ed.). **Industrial Archaeology: Future Directions**. New York: Springer, 2005.

FERREIRA, M., NERY, O. Paisagens Sonoras: Memórias de uma cidade Fabril (Rio Grande, RS, 1950-1970). **Rev. Hist.** São Paulo, n. 182, 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SYMONDS, J. Beyond Machines and The History of Technology. In: CASELLA, E; SYMONDS, J. (ed.). **Industrial Archaeology: Future Direction**. New York: Springer, 2005.

THIESEN, B. **Fábrica, Identidade e Paisagem Urbana: Arqueologia da Bopp irmãos (1906- 1924)**. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2005.

WYLIE, A. The Constitution of Archaeological Evidence: Gender Politics Science. **Thinking from things: Essays in the philosophy of archaeology**. Univ of California Press, 2002: 185-199.